

**7. CAIO CHRISTIANO, Universidade De Poitiers,
França**



CAIO CÉSAR CHRISTIANO é linguista e ensina português para estrangeiros no Instituto de Ciências Políticas de Paris e na Universidade de Poitiers, onde deve concluir muito em breve seu doutorado sobre o comportamento dos verbos em português europeu e brasileiro.

Tema 2.4 Maluma, takete, bolacha e tablete. CAIO CÉSAR CHRISTIANO
Universidade de Poitiers
SUPLENTE TRABALHO NÃO RECEBIDO DENTRO DOS PRAZOS

**8. CARLA GUERREIRO, ESCOLA SUPERIOR DE
EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE
BRAGANÇA carlaguerreiro@ipb.pt**



CARLA ALEXANDRA FERREIRA DO ESPÍRITO SANTO GUERREIRO é licenciada em Português Inglês (Ensino de) pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Mestre em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesas, com a Tese: *A Mundividência Infantil na Obra de Guerra Junqueiro*.

Atualmente é bolsista da FCT, tendo realizado a investigação para Trabalho de Doutoramento: *A Literatura para a Infância em Portugal, do séc. XIX ao séc. XX - Contributos para a identificação de Paradigmas*, encontrando-se à espera da defesa do trabalho.

É Docente do Instituto Politécnico de Bragança, pertence ao Departamento de Português da Escola Superior de Educação, desde 1999, sendo responsável

por cadeiras de Língua Portuguesa, Literatura para a Infância e Literatura para a Juventude.

É membro da Associação Portuguesa para a Literacia (*Littera*) e do OBLIJ (Centro de Investigação da Literatura para a Infância e Juventude) da UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro).

Coordena, desde 2001, um conjunto de Projetos, em parceria com o Espaço Lúdico-Infantil da ESEB, no âmbito da promoção do Livro e da Leitura, no âmbito do Plano Nacional de Leitura - *Ler+*, que abrange desde o Pré-escolar ao 2º Ciclo de Escolaridade.

Tema 2.7 CAMINHOS DA ESCRITA PORTUGUESA PARA A INFÂNCIA, NA ATUALIDADE Carla Alexandra Ferreira do Espírito Santo Guerreiro carlaguerreiro@ipb.pt Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Educação

Por um lado, escrever representa uma das formas de desafio à morte e à temporalidade a que todos os seres estão sujeitos; por outro lado, ler é também permanecer. E o que é escrever para a Criança? Será escrever para a Infância, criar para um mundo que já não é o nosso? E quanto à criança que lê connosco, porque ainda não o sabe fazer sozinha?

Começaremos por apresentar as reflexões de alguns escritores para Infância, que consideramos incontornáveis no panorama literário nacional, por nós questionados sobre a pertinência ou não de se falar de uma Literatura para a Infância e das características que ela apresenta atualmente.

Segundo Luísa Monteiro:

É importantíssimo que se fale dela e que ela nunca esmoreça. Não quero dizer com isso que seja literatura para crianças apenas. Se não for boa literatura para adultos não pode ser boa literatura para crianças. Eu falo de uma literatura

séria, à margem das modas, que privilegie esse espaço sem local, esse estado divino que é a infância. (Luísa Monteiro, in Entrevista, Guerreiro, 2005: 1) 24

No entender de Luísa Ducla Soares:

A boa literatura para crianças é a que interessa a pessoas de qualquer idade. Em contrapartida, nem toda a boa literatura é adequada às crianças pela sua temática, linguagem, complexidade. Hoje, as escolas e as famílias já tomaram consciência da importância ímpar que assume na formação dos mais novos. (Luísa Ducla Soares, in Entrevista a Guerreiro, 2005: 1) 25

Para José Jorge Letria:

Ela tem especificidade e regras próprias e história bastante para lhe conferirmos essa autonomia. Só lamento que continue a ser encarada de forma menorizante pela crítica e pela investigação universitária que continua a vê-la como um subproduto. (José Jorge Letria, in Entrevista a Guerreiro, 2005: 1) 26

De acordo com Maria Alberta Menéres:

Não estamos a falar de uma literatura infantil ou infantilizada. Por isso, o que se escreve para a infância e juventude tem de ser vocacionado para a alegria, o entusiasmo de ver (ler e saber), de entender o mundo à nossa volta, onde quer que nos encontremos. E não esquecer que um bom livro para os mais novos tem de ser um bom livro para toda a gente (Maria Alberta Menéres, in Entrevista a Guerreiro, 2005: 1) 27

Todos os autores, que responderam à nossa pergunta, evidenciam como denominador que é comum às obras literárias para a Infância, as suas qualidades estética e ética. Nesta linha, o crítico literário Paul Hazard, afirma:

Estouvadamente e sem respeito pela sua qualidade de pessoa se oferecem textos para a criança ler. É importante proporcionar às crianças livros não que

24 Entrevista não publicada.

25 Idem.

26 Entrevista não publicada.

27 Idem.

despertem a pieguice, mas a sensibilidade; que as façam participar nos grandes acontecimentos humanos; que lhes deem o respeito da vida universal: a de animais, a das plantas (...) (Hazard, 1967: 85)

Com efeito, se toda a Literatura é de “encomenda impossível” (Letria, 1994: 12), a Literatura para a Infância é-o como nenhuma outra. Só pode e deve escrever para crianças quem se sinta compelido por um imperativo próprio.

Escrever para os mais jovens é uma forma de deixarmos aceso o lume do sentimento mágico da vida, o único aliás que pode decretar, em qualquer praça, em qualquer livro, em qualquer sala de aula o direito de mantermos a infância viva em nós, muito para além do prazo de validade que artificialmente costuma ser-lhe atribuído. (Letria, 1994: 12)

As principais linhas condutoras da escrita dos autores contemporâneos de obras para a Infância são as seguintes:

- a) A re-escrita da tradição e da oralidade e a reinvenção do maravilhoso;
- b) A exploração do humor, da imaginação, do fantástico, do *non-sense*;
- c) O percurso do sujeito pelas vias da introspeção, emergindo este com sede de afetos e interrogações;
- d) A intensificação das potencialidades poéticas e rítmicas da língua, em prosa ou verso;
- e) O jogo com as palavras ou trocadilho;

No nosso país, sobretudo desde meados da década de 70 do séc. XX, temos vindo a assistir à autonomização e ao enriquecimento, tanto em termos estéticos como pedagógicos, da Literatura para crianças e jovens e é grande o número daqueles que pensam que esta é uma Literatura que pode ser praticada por avós, julgando que estão, irremediavelmente, em presença de uma escrita que não deve ser levada demasiado a sério. Daí que surja quase sempre associado à Literatura para crianças e jovens, o estigma da menoridade e da desresponsabilização em termos culturais e literários:

Segundo Shavit Zohar:

Desde o princípio, a literatura para crianças sempre foi encarada pelos outros sistemas como inferior (...) A maior parte dos livros infantis não é considerada parte do património cultural e, por isso, as histórias da literatura nacionais pouco ou nada se referem a livros infantis. Deste modo faz-se a distinção entre literatura real e literatura para crianças (Zohar, 2003: 61)

Situando-se num domínio mais próximo da realidade, criando universos dominados pela fantasia ou através de uma simbiose entre estas duas áreas, a atual narrativa portuguesa para crianças oferece ao seu potencial leitor um leque muito variado de temas e facilita uma progressão linguística e semântica adequada ao desenvolvimento da criança.

Encontramos na escrita portuguesa contemporânea para crianças uma significativa riqueza e variedade de propostas, que vão desde a realidade à fantasia, das estórias de animais às narrativas de aventura e de mistério

A partir de 1974, abriu-se uma nova época no que respeita à Literatura para a Infância e Juventude, em Portugal, que conseguiu singrar com sucesso, apesar da concorrência e das traduções das obras estrangeiras. Os primeiros anos revelaram novos autores e consagraram outros. Até à década de 80 foi um tempo marcado por uma Literatura destinada quase exclusivamente à criança até aos dez anos. (Bastos, 1999)

A partir daí, até esta parte, tem havido um aumento de interesse pela Literatura para os mais novos, visível, por exemplo, na edição de várias coleções, tais como, *Uma Aventura* (1982), de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, *O Clube das Chaves* (1993), de Maria Teresa Maia González e Maria do Rosário Pereira ou a coleção *Triângulo Jota*, de Álvaro Magalhães e *O Bando dos Quatro*, de João Aguiar (ambas da década de 80).

Quando escrevem textos para um público Infantil/Juvenil, os escritores portugueses contemporâneos veem-se confrontados com uma dicotomia, já por nós apresentada anteriormente: por um lado enveredar por um caminho de fantasia, onde todas as invenções e mitos têm entrada.

Esse é um universo de magia, habitado por fadas e duendes, bruxas e gigantes, objetos e animais falantes. Aí viceja o *non-sense* e reina a imaginação, a “fantasia moderna” (Huck, 1987: 56)

Por outro lado, coloca-se-lhes a questão de enveredar pelo caminho do realismo, revelando pessoas e situações autênticas ou possíveis. Todos os lugares do mundo aí cabem e todos os que neles habitam, “o realismo contemporâneo” (*Idem, ibidem*: 265).

Podemos afirmar, sem prejuízo de erro, que os escritores do séc. XX que escolhemos como *corpus* de estudo, na produção literária para a Infância, refletem na sua obra literária ser fascinados por ambas as vertentes.

Todas as temáticas têm cabimento, quando se trata de escrever obras cujos destinatários são as crianças, sendo elas perspetivadas pela sociedade do séc. XX como seres que têm de ser cada vez mais conscientes da realidade envolvente e que são solicitados a participar nessa mesma realidade, de forma ativa.

O poder das boas histórias infantis é, mais do que nunca, entendido como o facto de terem múltiplos significados para o desenvolvimento da criança e contribuírem para a riqueza psicológica de cada uma. Quer no domínio da fantasia, quer no domínio da ficção realista, o conto continua a refletir problemas essenciais da existência humana, à semelhança do conto tradicional, mas vai também abrir-se a problemáticas novas, decorrentes de um olhar atento sobre o mundo que nos rodeia.²⁸

28 José Jorge Letria é indubitavelmente, um dos escritores que maior produção literária tem relativamente a obras que explanem temáticas atuais, de grande importância na formação cultural e humanística de crianças e jovens. Apresentaremos, apenas a título de ilustração, os seguintes exemplos: O 25 de Abril, contado às crianças (1999); Portugal para os Pequenos (2000); O Terrorismo explicado aos Jovens...e aos Outros (2000); A Violência explicada aos Jovens (2000); A Cidadania explicada aos jovens ...e aos Outros (2000); Conversa com o séc. XX; As Religiões explicadas aos Jovens ...e aos Outros (2001); (A) Ecologia explicada aos Jovens (2002); A Globalização explicada aos Jovens (2002).

Para comprovar este facto pensemos em alguns títulos, tais como: O Grande Continente Azul (1985), ou João Ar-Puro, no País do Fumo (1985), ou (Na) rota da Ilha da Tosse - O prazer de não fumar (1991), de J.J. Letria, no conto de *Anabela Mimoso*, História de um rio, contada por um castanheiro, (1983) ou no conto O Espírito da Mata, Aventuras de Natal no Buçaco (2000), ou Verde Moço & a Grande Questão (s./d), de Luísa Monteiro, para mostrar como na escrita contemporânea para crianças estão bem presentes preocupações com prementes assuntos atuais, como a importância da ecologia, o valor do equilíbrio do meio ambiente e a importância da reciclagem.

É de referir igualmente o Projeto: “Pintar o Verde com Letras” resultante de uma iniciativa da Direção Regional de Cultura do Norte, que lançou a um conjunto de escritores e ilustradores o desafio de criarem histórias que tivessem algumas das áreas protegidas desta zona do país como lugares de inspiração e os seus habitantes, a sua fauna e flora como personagens.

Na escrita contemporânea para a Infância, em termos da construção técnico formal, o texto iniciado pela expressão “Era uma vez”, que introduzia uma narrativa de terceira pessoa vai dar lugar, com frequência, a uma narrativa de primeira pessoa e a um narrador participante, que suscita uma aproximação e identificação diferentes, por parte do leitor/criança, fazendo com que o seu envolvimento com a obra literária, como objeto lúdico e construtivo, seja maior:

Segundo Letria:

Sem renunciar à sua vocação pedagógica e formativa, não deve a obra literária arvorar-se em juiz do que quer que seja. Pode e deve, isso sim, apetrechar os leitores mais novos com os instrumentos da crítica, da lucidez e do discernimento e sobretudo como um valor único e imperecível que é o gosto pela leitura e a paixão pelo livro como objeto de afeto, de descoberta e partilha. (Letria, 2000: 89).

Com efeito, existe a clara opção dos escritores portugueses contemporâneos escolherem personagens-crianças, com quem a voz narrativa partilha a visão e os

acontecimentos do mundo, o que aproxima ainda mais o leitor/criança das histórias narradas e das suas mensagens.

A visão infantil apresenta-se, não raramente, como guardando vestígios de uma espécie de olhar primordial ingénuo e incorrupto, que remonta a um “Paraíso inicial” e que se maravilha perante o espetáculo do mundo e das coisas mais simples e insólitas. É ainda uma forma de ver o mundo também na sua vertente onírica e mágica, onde o Bem e o Belo parecem ainda ter lugar:

Los niños protagonistas son únicos, aunque pueden señalarse algunos rasgos comunes, siempre de acuerdo con las características psicológicas de la edad que estos niños-protagonistas y personajes secundarios tienen.(...) Con este tipo de personajes el lector entra en comunicación muy fácilmente. (Manzano, 1987: 60-61)

Limitámos a nossa comunicação, por motivos de tempo, apenas ao modo narrativo e ao género conto, pois que ele constitui uma das formas narrativas mais divulgadas, assumindo diversas facetas na escrita dos autores portugueses contemporâneos.

Uma das dimensões que gostaríamos de começar por evidenciar consiste num trabalho mais próximo da Literatura Tradicional, através da re-escrita de contos. António Torrado, com *Histórias Tradicionais Portuguesas, contadas de novo*, e, em parceria com Alice Vieira, *Contos e Lendas de Macau* e José Jorge Letria, com *Contos da China Antiga* (2002), *Lendas e Contos Judaicos* (2003) e *Contos e Lendas do Japão* (2004), são alguns dos autores que têm desenvolvido uma atividade mais intensa de escrita nesta área.

Concretamente nas obras de António Torrado, em que ele recria as narrativas de tradição oral portuguesa, consubstancia-se o ponto de vista de António Sérgio:

Os requisitos básicos de uma boa história são a ação rápida e ligada, um assunto de imagens familiares com certo tom de maravilhoso e a repetição ou estribilho de algumas frases características (Sérgio, 1988: 35)

Estes contos aproximam-se muito da oratura, no que respeita à sua sintaxe e aos mecanismos de conexão frásica: “O conto para crianças nasce com uma modulação de língua, uma entoação. Uma maneira de ele ser contado, quase no limite entre a escrita e a oralidade.” (Cariello, 2002: 121)

É precisamente esta *oratura* que apaixonou António Torrado. Por isso ele é, acima de tudo, um contador de histórias que desfruta do prazer de contar, como os antigos contadores e explora a música, a musicalidade, o ritmo da voz.²⁹

Uma segunda faceta a destacar nos contos portugueses contemporâneos, poderia ser designada por reinvenção do maravilhoso. Fora da tradição oral, diversos autores retomam a tradição do conto, quer reutilizando as suas marcas orais explícitas “Era uma vez...” e a galeria de personagens típicas do conto tradicional (reis, princesas e animais fantásticos), quer introduzindo o maravilhoso num contexto moderno, sendo que em ambas as situações há o recurso a metamorfoses, intervenções mágicas e objetos que possuem poderes especiais.

Segundo Jesualdo (...) a criança retornará sempre aos contos de fadas, às histórias antigas e populares, anónimas e conseguirá fazer do seu sonho uma realidade muito pitoresca. Procurar destruir na criança essa maravilhosa capacidade mítica seria tentar, com estúpida antecipação, a mais brutal das mutilações (Jesualdo, 1993: 23).

Na Literatura portuguesa contemporânea, encontramos ecos dessa reinvenção nos livros: *O Tambor-mor* (1980) e *em Dez Contos de Reis* (1990), de António Torrado; em *O Dragão* (1982), *A Princesa da Chuva* (1984) e *Seis histórias de encantar* (1985), de Luísa Ducla Soares e em *Sophia de Mello Breyner Andresen*, concretamente na re-escrita do conto japonês *A árvore* (1985).

29 Atente-se, a propósito, nas palavras de Torrado aquando da Entrega do Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças, em 1988: “Nós até porque gostamos de ser designados de contadores de histórias, nós porque decalcamos a literatura da *oratura* e a preferimos à mensagem escrita, nós ainda conseguimos estar próximos da Infância da humanidade” (Torrado, 1988: 2)

A temática da reinvenção dos contos de fadas ou da sua atualização à luz da evolução tecnológica tem também fortes reflexos nas histórias de José Jorge Letria: *Fadas Contadas* (1988), “A Bruxa Vassourinha”, in *Histórias do Sono e do Sonho* (s./d.) e “Leontina, fada e bruxa”, in *Histórias do arco-íris* (1983).

Em narrativas com um estilo que, naturalmente, difere de autor para autor, o traço comum a estes escritores consiste na integração na sua escrita de motivos da tradição, no que respeita à construção das personagens, a certos motivos temáticos, aos cenários e às situações, em estórias onde o humor ganha novas dimensões e a magia dos contos de fadas é atualizada no nosso mundo de tecnologia de ponta.

É para nós um desafio escrever as novas histórias destes novos tempos, em que a varinha mágica pode ser muito simplesmente um interruptor de luz; a cabana da floresta, um cavalo alado, o mais recente foguetão espacial. (...)

Vontade, imaginação e criação conjugam-se para que, em cada época, se consiga extrair do mundo a essência dessa mesma época. (Menéres, 1983: 80).

Uma das dominantes da narrativa portuguesa para crianças contemporânea consiste numa ficção criadora de mundos de fantasia. Esse mundo fantasioso pode ser preenchido por personagens e acontecimentos fantásticos, ou seja, situados para além do que é aceite como real e normal, mas apesar de fabulosos, mantendo sempre uma lógica e uma forte consistência interna, onde não raramente, o humor é nota dominante.

As histórias de animais constituem, também, uma das principais vertentes da Literatura de Fantasia para os mais novos. Na sequência de uma forte tradição da presença animal na Literatura, a moderna fantasia oferece, com efeito, um número significativo de contos com animais.

As personagens deste tipo de histórias encarnam, simultaneamente, características humanas e qualidades próprias à sua condição animal, suscitando uma forte adesão dos leitores mais novos.

O leque de sentimentos e situações aí apresentadas é vasto e, na literatura portuguesa, encontramos numerosos exemplos deste tipo de narrativas em que

os animais aparecem a sós ou interagindo com figuras humanas. Os motivos temáticos que encontramos nas histórias de animais apresentam diversas preocupações.

Em áreas mais centradas no próprio *eu*, tenhamos em atenção várias histórias protagonizadas por bichos, como as *Histórias de Bichos*, escritas por Luísa Ducla Soares (1981), assistindo, sobretudo, a processos de descoberta do verdadeiro *eu* em diferentes personagens e de que *O Caranguejo Verde* constitui um exemplo paradigmático. A temática do direito à diferença e da liberdade do ser e o respeito pela natureza, em todas as suas manifestações, está presente em vários contos contemporâneos para a Infância e, muito concretamente, na obra de António Torrado *O Veado Florido* (1972).

Nas narrativas contemporâneas de animais, as interações sociais surgem também como tema recorrente, assumindo diferentes cambiantes, como a questão dos preconceitos, desenvolvendo aspetos como o pacifismo, a amizade e a solidariedade.

Exemplos destas narrativas são ainda as obras: *O Gato e o Rato* (1981), de Luísa Ducla Soares e *Pinguim em fundo branco* (1973), de António Torrado; *O Jardim Zoológico em Casa* (1975), *Caidé* (1983) (livro que dedica ao seu animal de estimação) e *Tenho em casa um cãozinho* (2005), de José Jorge Letria.

Também as histórias com criação de mundos paralelos e objetos antropomorfizados são uma temática muito constante na produção literária para a Infância, tanto ao longo do século passado, como em inícios do séc. XXI.

Neste tipo de narrativas, objetos ou animais antropomorfizados ganham vida e adquirem poderes especiais, sonhos tornam-se realidade e outros aspetos que fazem parte do universo imaginário da infância são transportados para o mundo real, deliciando a criança.

Como meros exemplos, citaremos as *Histórias do sono e do sonho* (1990) de José Jorge Letria, livro em que as mais variadas coisas adquirem vida e capacidade de sonhar, e a coletânea *Da Rua do Contador para a Rua do Ouidor* de António Torrado (2004), em que objetos do quotidiano da criança, como o

lápiz, a borracha, o porquinho mealheiro, entre outros, ganham vida e densidade psicológica, protagonizando os episódios mais hilariantes.

Com efeito, só desta forma, a fantasia se poderá constituir como um importante motor para libertar a imaginação e criatividade infantis, sugerindo alternativas e estimulando o pensamento divergente.

Na narrativa portuguesa contemporânea para crianças, encontramos vários autores que cultivam uma fantasia alicerçada nos aspetos acima apontados.

A escrita de Luísa Monteiro é, no aspeto da fantasia, tal como noutras facetas, exemplar.

Menos conhecida como escritora de obras para crianças e jovens, porque é sobretudo conhecida como escritora de obras literárias para adultos (autora de Novelas como *As bruxas do Ave* e *A vaca loura* e de textos dramáticos como *As Sobredotadas*), esta escritora é senhora de uma escrita sinestésica para a infância, cujo exemplo paradigmático é o livro: *Coração de Tangerina (Contos de descontar)*.

Nesta coletânea de contos para os mais novos, não só há edifícios e objetos que falam, como também os próprios elementos naturais, tais como flores, frutos e legumes, ganham vida, personificando sentimentos e emoções em estórias deliciosas, sempre relacionadas com ou protagonizadas por crianças, sendo a infância apresentada como espaço mítico.

A obra desta escritora encaixa fundamentalmente no conceito de “realismo mágico” (Colomer, *op. cit.*: 184)

Na escrita de Luísa Monteiro, a infância apresenta-se como um espaço sem local, um estado divino, afirmando a autora que a sua escrita “é pautada pelo fantástico, pela necessidade que ela tem de sentir espanto e curiosidade, sendo um modo de se re-estruturar.” (Monteiro, 2005:1)

Apresentando aspetos da fantasia, mais ligados à ficção científica, encontramos alguns contos caracterizados pela introdução de novos elementos como o extraterrestre, o robot e as máquinas fantásticas.

As obras de Luísa Ducla Soares: *Três histórias do futuro* (1983), *O disco voador* (1989) e *Crime no expresso do Tempo* (1990) são exemplos de narrativas

que colocam em cena figuras de um espaço que não o nosso, mas cujos propósitos se articulam com críticas a aspetos da nossa realidade, tais como: a avidez pelo lucro, os problemas da guerra, a necessidade de justiça, ou a defesa do meio ambiente.

Frequentemente, a dimensão fantasiosa da escrita contemporânea para crianças articula-se de forma humorística com a realidade, possibilitando um olhar crítico sobre ela, refletindo e revelando aspetos da natureza humana de um ponto de vista diferente do habitual. É o caso, por exemplo, da temática da diferença, tratado por Luísa Ducla Soares, na coletânea *Gente Gira* (2000), que inclui as obras: *O Senhor Pouca Sorte* (1985), *A Menina Verde* (1987) e *O Homem das Barbas* (1984) e na coletânea *Tudo ao Contrário*, que inclui: *O Rapaz Magro*, *A Rapariga Gorda* (1980), *O Homem Alto*, *A Mulher Baixinha* (1984) e *A Menina Branca*, *O Rapaz Preto* (1985).

O humor constitui a essência dos textos lúdicos desta autora, à base de jogos de palavras, tais como: as obras *A, B, C* e *1,2,3*. Estando também presente nos contos: “Adeus gasolina” e “A Sereia”, das obras *Seis histórias às avessas* e *O Meio Galo*, respetivamente.

O cómico é usado na Literatura Infantil, muitas vezes como “catalisador, ou mais exatamente como estratégia para dar a volta à situação, distinguindo nela os elementos que permitem não a tomar demasiado a sério.”, (Soriano, Marc, 1975 : 145).

Para Luísa Ducla Soares, o humor é considerado uma das facetas essenciais da escrita para crianças³⁰. Através do humor, a autora evidencia e dá a conhecer à criança importantes problemas políticos, cívicos ou éticos, como o demonstram

30 “Dirigir-me às crianças com lamúrias, mimos ternurentos ou linguagem infantilizante, nunca fez parte do meu estilo, mas pretendo entrar na cumplicidade com elas através do humor, que pode transformar-se numa brincadeira crítica. (...) Rir é saudável e faz falta.” Soares, *in Trinta Anos a Escrever para Crianças*, Comunicação apresentada em Beja, num Colóquio sobre Literatura Infantil.

as obras em prosa: *O Soldado João*³¹ (1973), *Maria Papoila* (1973), e *O Sr. Milhões*, conto inserido na coletânea *O Meio-galo e Outras Histórias* (1976), e as obras em poesia: *O Sultão Solimão e o Criado Maldonado* (1982) e *Poemas da Mentira... e da Verdade* (1983).

Através do humor, a escritora aposta na capacidade de dizer não ao belicismo, à ganância e ao egoísmo humanos e assume claramente a defesa da fraternidade, da igualdade e da paz entre os homens.

De igual modo, pelo humor que lhe está subjacente, a produção literária de António Torrado, quer em prosa, quer em poesia, toca profundamente o leitor, pois os referentes para os quais ela remete fazem parte de cenários conhecidos por muitas crianças. Estas aprendem a olhar o mundo com “olhos de ver” e a interrogar-se. O lúdico ganha um peso formativo que não pode, de forma alguma, ser descurado.

Conceitos e valores subjazem a todos os contos deste autor, nomeadamente àqueles em que o humor se evidencia, já que o próprio admite:

A história para crianças nunca é, como mensagem, inocente. Ou joeirada do conto popular, ou imaginada por autor nomeável, a história sempre refletirá uma particular maneira de demonstrar o mundo. (Torrado, 1997: 8).

Na ficção de caráter realista contemporânea, encontramos um “mundo possível” construído à semelhança do mundo real, mas com personagens e situações imaginadas. O facto de encontrarmos quase sempre uma criança ou

jovem no centro da intriga e desta se desenrolar de acordo com o seu ponto de vista, provoca uma maior identificação do jovem leitor com a estória e maior empatia com as personagens e temáticas nela apresentadas.

El personaje de los cuentos y las novelas actuales se definen por interrogantes planteados sobre sí mismos y sobre todo cuanto les rodea. (...) Están ahí y significan algo; pero lo que realmente importa de estos personajes es la búsqueda de la personalidad en la que están embarcados. (...) (Manzano, op. cit.: 65)

As histórias que remetem para uma observação do quotidiano, onde se encontram o universo da Infância e o ambiente familiar constituem o núcleo mais significativo do conto para crianças.

Luísa Ducla Soares é uma das escritoras contemporâneas cuja produção literária inclui maior número de narrativas de temática realista. Ela considera a cidade como o seu *habitat*, a sua experiência, enfim, o seu destino.³²

É tendo como pano de fundo um cenário urbano que a autora desdobra a sua escrita noutras temáticas e mensagens, como por exemplo, o relacionamento inter-racial. O fosso alarga-se, naturalmente, em relação àqueles que pela sua etnia e a cultura que lhes é subjacente se revelam díspares, em relação à norma. Este aspeto é visível nos contos: “Meninos de todas as Cores”, da coletânea *O Meio Galo*, em “O Rapaz Preto, A Rapariga Branca”, da coletânea *Tudo ao Contrário* e em “A Menina Verde”, da obra *Gente Gira*.

Pelo contrário, bucólico é o cenário de fundo da maior parte da escrita em prosa de Luísa Monteiro.

Da sua produção para os mais novos, a obra *Coração de Tangerina* (2004) apresenta-nos uma vasta galeria de personagens, que, invariavelmente, em cenários campestres, vai exprimindo sentimentos e comportamentos que refletem

31 “Foi no Verão de 1972 que escrevi o primeiro livro infantil, versando o tema da guerra. Estava de férias com a família e um grupo de amigos, entre eles o poeta João José Cochofel (...) Pus-me então, a pensar como se comportaria o meu amigo escritor se tivesse a desdita de ser incorporado num batalhão (...) amigo de toda a gente, incapaz de fazer mal a uma mosca (...) Escrevi o conto de uma assentada, ali na areia quente da praia. Todas as publicações eram, ao tempo, visadas pela Comissão de Censura e *O Soldado João* não escapou ao famigerado lápis azul, que o cortou de alto a baixo (...) O Soldado João é de tal forma avesso a lutas que inviabiliza o conflito armado, transportando as regras da boa educação e da solidariedade.” (Soares, in “Escrever para Crianças sobre a Guerra”, Comunicação apresentada num Colóquio Luso-Galaico, na Biblioteca Almeida Garrett).

32 “É nela que descubro as encruzilhadas de encontro e desencontro com os outros. Por isso, constitui um ponto privilegiado de partida para imaginar um conto, compor um poema.”, in Soares, “A Cidade: Palco de Diálogos e Conflitos entre Culturas”, Artigo da autora.

os humanos, embora sejam: plantas, animais, objetos inanimados, acidentes geográficos, os cinco sentidos e, até mesmo, conceitos.

Na sua obra para crianças, a natureza e a necessidade da sua preservação e defesa é um tema omnipresente. Subjacente à sua produção literária está a mensagem que o ser humano é mais um elemento do cosmos e, fazendo parte da natureza, cabe aos seres humanos preservá-la e defendê-la, correndo o risco, se não o fizerem, de destruir o equilíbrio universal e de se autodestruírem, pois dele também fazem parte.

Este ideário está particularmente presente nas obras: Verdemoço e a Grande Questão, As Aventuras de Quim Bóio e O Espírito da Mata.

Na Natureza, a floresta é um elemento particularmente valorizado pela autora:

“ (...) em todas as florestas existe uma inteligência que faz com que as plantas e os animais se entendam. Todos somos necessários a todos. Essa é a nossa missão. (...) tudo pulsa à tua volta.” (Monteiro, 2002: 12-13.)

Em jeito de conclusão, diremos que ao elaborar uma representação possível do real, o conto permite à criança o contacto com problemas e factos que se prendem diretamente com o seu universo e possibilita um alargamento da sua experiência de vida, bem como o contacto com pontos de vida diversificados e com diferentes formas de perspetivar e resolver problemas, através da presença de temáticas ligadas ao eu individual e social.

Bibliografia:

BASTOS, Glória (1999) *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

HAZARD, Paul (1967) *Les Livres, Les Enfants et les Hommes*. Paris: Hatier.

HUCK, Ch. et al (1987) *Children's Literature in the Elementary School*. Ohio: Ohio State University, Holt, Rinehart and Winston, Inc.

LETRIA, José Jorge (1994) *Do Sentimento Mágico da Vida*. Lisboa: Edições de Autor.

MANZANO, Mercedes Gómez del (1987) *El Protagonista-niño en la literatura infantil del siglo XX (Incidencias en la Personalidad del niño lector)*. Madrid: Narcea S.A. Ediciones.

MENÉRES, Maria Alberta (s./d): *O que é Imaginação?* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SORIANO, Marc (1975) *Guide de Littérature pour la Jeunesse*. Paris : Flammarion.

TORRADO, António (s.d.) “A Literatura Infantil é uma Escrita em Voz Alta”, in *A Capital*.

ZOHAR, Shavit, 2003, *Poética da Literatura para Crianças*, Lisboa, Caminho.

9. CARLOS ROCHA, ESCOLA SECUNDÁRIA CACILHAS-TEJO/ CIBERDÚVIDAS LISBOA, PORTUGAL



CARLOS ROCHA é Licenciado em Estudos Portugueses pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e mestre em Linguística pela mesma faculdade.

Foi leitor do Instituto Camões na Universidade de Oxford e no King's College de Londres. É Professor do ensino secundário e atualmente coordenador